

MODA: NASCIMENTO, CONCEITO E HISTÓRIA

FASHION: BIRTH, CONCEPT AND HISTORY

Paulo Debom

Centro Universitário Celso Lisboa

Resumo: Os estudos sobre Moda não provocam, em geral, grande interesse nos historiadores. Entretanto, nas últimas duas décadas o quadro sofreu alterações. O número de pesquisas sobre o tema cresceu, bem como as publicações acerca do assunto. Questões sobre o conceito histórico de Moda e acerca do momento de seu surgimento são objetos de muitos debates e divergências. Este artigo tem por objetivos refletir sobre a Moda enquanto um fenômeno histórico essencial para se pensar as sociedades, situar seu início entre os séculos XIV e XV nas cidades italianas e caracterizar suas transformações ao longo do tempo.

Palavras-chave: Moda, Indumentária, Era do Costume, Era da Moda.

Abstract: Fashion Studies are generally not enthusiastic for historians. However, there were some alterations in this scenario in the last decades. The number of researches and publications on this topic has been consistently developing and growing. Issues on the historical concept of Fashion as well as its emergence are subject to debates and divergent views. This paper aims to discuss Fashion as a relevant historical phenomenon to understand societies, to situate the beginnings of Fashion between the XIV and XV centuries in Italian cities and, finally, to characterize its transformation.

Keywords: Keywords: Fashion, Clothing, Costume Era, Fashion Era

Moda: Nascimento, Conceito e História

Um dos objetivos deste artigo é refletir sobre os caminhos que geraram o nascimento da Moda¹ enquanto um fenômeno que transcende os limites dos trajes,

¹ Neste texto, a palavra *Moda* é escrita com letra maiúscula, para se referir ao conceito de Moda enquanto algo maior, que não se restringe às roupas; mas sim à postura, comportamento, visão de mundo e, principalmente, à busca pelo novo. O vocábulo aparecerá com a inicial minúscula quando for sinônimo de modismo. Desta forma, o presente texto, neste ponto, parte do mesmo princípio de Roland Barthes em *O Sistema da Moda* (2009, p.19):

tornando-se um complexo fenômeno que se baseia no gosto pelo novo, afirmação de subjetividades, ostentação de poder, busca por mudanças através das aparências e forma de construir a imagem de um indivíduo ou de um grupo. Ou seja, Moda não é aqui utilizada como sinônimo de seguir os modismos determinados pelas tendências de mercado. Este artigo pretende apontar as maneiras pelas quais as roupas, suas formas de ostentação, interpretação e diálogos com as mais diversas esferas da sociedade tornaram-se um veículo privilegiado para se ler a História ocidental desde o final da Idade Média.

Apesar de a indumentária ocupar o papel central da Moda, não se pode usá-la como seu sinônimo. A diferenciação entre Moda e roupa foi amplamente discutida nas obras de James Laver, curador do *Victoria and Albert Museum* em Londres e autor de inúmeras publicações sobre o tema, a mais conhecida delas é *A Roupa e a Moda: uma história concisa*, publicada pela primeira vez em 1968. O pesquisador foi:

[...] um pioneiro nos estudos sobre História da Moda e Etnografia do Vestuário, sendo um dos primeiros a estabelecer a diferença entre a roupa enquanto objeto, uma peça passível de ser analisada em sua forma, feitiço e modelagem e moda, que é vista pelo autor como um sistema mais complexo, a qual permite enxergar o vestuário como uma das características culturais da sociedade. Para ele, se a roupa é feita de rendas e babados, a moda pode situar este estilo de vestir junto a outras maneiras de se ler determinado período [...].²

O vocábulo *moda* deriva do termo latino *modus* (modo e maneira). Em meados do século XV e início do XVI, a palavra *mode* aparece na França, relacionando-se não somente ao modo de fazer algo, como também à maneira de se comportar, *modo*, e à forma de se vestir, *moda*. Nas cidades italianas, em meados do século XVII, a palavra *modanti* passa a ser usada a partir de uma variação de *mode*, “[...] para indicar os seguidores da moda, refinados cultores de elegâncias, frequentemente francesas”.³ O vocábulo era usado para indicar as mudanças rápidas no campo das vestimentas nas camadas aristocráticas, mas também se refere às convenções sociais, à decoração, ao pensamento, à escrita e à postura.

“Escreveremos Moda como maiúscula no sentido de *fashion*, para podermos manter a oposição entre a Moda e uma moda”.

² SOARES, Sílvia Helena. **Textura Áspera**. 1997. 142 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997, p. 9.

³ CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. SP: Editora Senac, 2008, p. 13.

Faz-se necessário perguntar: quando surgiu a Moda?

Para Gilda de Mello e Souza⁴, ela não é um fenômeno universal, não obstante aparece em alguns momentos específicos da História. Afirma que, entre os povos sem escrita, é completamente desconhecida, pois os significados sociais e religiosos atribuídos à indumentária impediam qualquer tipo de manifestação de mudança. Já entre os gregos e os romanos, o fenômeno existia, todavia se limitava às camadas aristocráticas. No mundo greco-romano, a paixão por diferentes penteados foi o primeiro estágio do que mais tarde chamou-se de Moda. Em Roma, durante o período imperial, a vaidade de homens e mulheres pela maquiagem, perfumes, cabelos tingidos e perucas era quase uma obsessão. Todavia, para a autora foi a partir da Renascença que o ritmo das mudanças e o gosto constante pelas novidades se instaurou definitivamente no Ocidente.

O filósofo italiano Massimo Baldini, também situa o aparecimento da Moda nas civilizações clássicas. É improvável que o autor italiano conheça a tese da autora brasileira, publicada pela primeira vez em 1950; entretanto, os dois possuem pontos de aproximação. Para ele, foi na Atenas de Péricles, século IV a.C., que o fenômeno teve seu início com as ornamentadoras de cabelos, ou seja, não foram os costureiros que o criaram, mas sim as cabeleireiras.

As mulheres gregas deram largas ao seu gosto nos penteados, fosse porque, na sua cultura, os cabelos não estavam sujeitos a tabus religiosos, fosse porque eram [...] o ornamento mais econômico. Mas, principalmente, porque Atenas foi o primeiro centro econômico cosmopolita a conseguir criar uma autêntica sociedade aberta. [...] Com efeito, a moda dos cabelos manifestou, desde o início, a sua vocação democrática. Em Roma, a partir do século I a.C., a moda dos cabelos voltou a surgir. Desde então, as matronas começaram a pentear-se de forma elaborada e na época de Trajano os penteados assumiram dimensões incríveis [...]. Imperatrizes e princesas começaram a exibir vários penteados oficiais.⁵

As mudanças dos detalhes em certas peças do vestuário, por ocasião dos diversos contatos entre os povos antigos, fossem por guerras ou relações comerciais, também demonstravam características da Moda. Os hebreus, durante o cativeiro babilônico, acrescentaram às suas túnicas as franjas típicas dos povos que habitavam

⁴ MELLO E SOUZA, Gilda de. **O Espírito das Roupas: a Moda no Século XIX**. SP: Companhia das Letras, 1993. *Passim*.

⁵ BALDINI, Massimo. **A Invenção da Moda: as teorias, os estilistas, a história**. Lisboa: Edições 70, 2006, p.50-51.

a Mesopotâmia, como caldeus, amoritas e assírios. Com a ascensão de Alexandre Magno ao poder, os homens da aristocracia grega passaram a raspar suas barbas para ficarem parecidos com o Imperador Macedônio.⁶

Enfatiza-se que os fatos apontados pelos autores supracitados como elementos significativos para exemplificar a presença do fenômeno Moda na Antiguidade, não bastam para comprovar sua existência de fato. A simples cópia de franjas, barbas e penteados em certas épocas são exemplos de modismos que ocorreram, perduraram por certo período e depois desapareceram como tantos outros. Pequenas mudanças que ocorreram de tempos em tempos são incipientes para configurar algo muito maior no comportamento da sociedade. Por mais que o modismo possa ser considerado um elemento da Moda, ele é insuficiente para caracterizá-la.

O fenômeno Moda só se estabelece quando a mudança constante das aparências se baseia na paixão desenfreada pelo novo com um fim em si mesmo. Algo que tem como traço fulcral a abolição da imitação dos ancestrais por determinações religiosas. A procura da transformação que, além da diferenciação social, tem por objetivo central a vontade de se mostrar diferente constantemente pelo simples prazer de ser diferente. “A moda só se configura quando a mudança é buscada por si mesma, e ocorre de maneira freqüente [...]. Ela é irracional. Consiste na mudança pela mudança”.⁷

O pensador alemão Hans Ulrich Gumbrecht, em texto publicado na *Folha de São Paulo* em maio de 2002, apresenta uma visão completamente diferente sobre o assunto. Para o autor, a Moda surgiu somente com o trabalho do primeiro estilista da história, o inglês Charles Frederick Worth:

A moda [...] só teve início em meados dos anos 1850, com o imigrante britânico Charles Frederick Worth, que abriu em Paris uma loja e produtora de moda que incorporavam e promoviam os princípios da mudança regular, da orientação para o mercado, da produção em coleções e do desenvolvimento de uma identidade de marca (cada peça de vestuário vendida por Worth ostentava o nome dele e de sua empresa).⁸

⁶ SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma Filosofia**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 11.

⁷ Idem, p. 24-25.

⁸ GUMBRICH, Hans Ulrich. A Dialética das Passarelas. **Folha de São Paulo**, 05 de maio de 2002, p. 6.

Os modelos exclusivos criados pelo estilista inglês, mesmo sendo trajados apenas por uma clientela ligada ao mundo aristocrático, ditavam as tendências para o que era produzido para as camadas médias e populares. Aos poucos, surgiram novos criadores ligados ao mundo do luxo e o mercado seguia suas coleções para as diferentes temporadas que, ao longo de várias estações, revelavam a identidade estilística de cada costureiro, os grandes ditadores do vestuário. O que era desenvolvido para ser ostentado com exclusividade pelos mais altos estratos sociais passou a ser imitado por muitos. O produto inicialmente autoral transformou-se em algo que atendia uma gigantesca massa anônima de consumidores. Para Gumblich, a Moda tem por base a valorização do inédito como valor estético a ser seguido, o que para ele não existia de forma alguma antes do estilo de vida implantado pelo capitalismo no século XIX. Foi somente a partir daquele momento histórico que o fenômeno apareceu:

Nem toda mudança nos hábitos ligados à vestimenta de uma sociedade alcança as dimensões da moda. A transição dos códigos de vestimenta da nobreza medieval - que lembravam algumas tradições da Roma Antiga- para o estilo do vestuário renascentista, com certeza não foi um passo dado na esfera da moda, como tampouco o foram as mudanças consideráveis observáveis no vestuário das mulheres ao longo do século XVII. Essas transformações não surgiram em razão de um ritmo de mudanças institucionalizado nem de um desejo subjetivo de transformação. A moda, em seu sentido historicamente específico, implica, para começar, a expectativa fundamentada de que as formas de vestuário dominantes [...] irão mudar em intervalos explicitamente marcados. [...] e o rumo dessas mudanças se baseia nas intuições de estilistas especializados, que produzem para o mercado anônimo, e não para indivíduos.⁹

Seguindo outra corrente, este artigo comunga com alguns historiadores, sociólogos e filósofos que apontam que o surgimento do fenômeno Moda se deu na segunda metade do século XIV e início do século XV¹⁰. Até aquele momento, indumentária, acessórios, vocabulário e postura encontravam-se intimamente ligadas à tradição. Não havia Moda, mas sim o costume de se vestir de acordo com o grupo social a que se pertencia e, principalmente, com a sua ancestralidade.

⁹ GUMBRICH, Hans Ulrich. **A Dialética das Passarelas**, Op.cit., p. 6.

¹⁰ Podem ser aqui citados: Christopher Beward (1995), James Laver (1996), Gilles Lipovetsky (2002), Daniela Calanca (2008), François Boucher (2009) e Lars Svendsen (2010).

Na História do Vestuário, desde as comunidades primitivas até o início do século XIV, vivenciou-se o que é chamado de *Eras do Costume*¹¹. Nos mais diversos povos, encontramos a manutenção das tradições, a permanência dos costumes e a divisão em grupos sociais que tinham por base o nascimento que, por sua vez, era encarado como decisão divina. Não havia espaço para o surgimento da ideia de sujeitos individuais, mas somente coletivos.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contém e perpetua a experiência das gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro.¹²

Nesse tipo de organização social não havia lugar para o desenvolvimento do que aqui definimos como Moda. A roupa, os acessórios e postura eram calcados na imitação dos ancestrais, ou seja, o olhar estava voltado para o passado. Ao observamos, por exemplo, a história do traje do Egito Antigo desde o início do Antigo Império, por volta de 3100 a.C., até o término do Novo Império em 1070 a.C., percebem-se pouquíssimas mudanças nas formas vestimentares. Os mais diversos grupos sociais repetiam continuamente as roupas usadas por seus ancestrais. O mesmo pode ser verificado entre os gregos e romanos, onde apenas pequenos modismos nos penteados, algo irrelevante dentro do universo da aparência vestida daquelas civilizações, apresentava mudanças fugazes em momentos curtos de sua história.

Reforça-se a discordância em relação aos autores que afirmam que a Moda surgiu em diferentes épocas, como no mundo clássico (Gilda de Mello e Souza, 1993 e Massimo Baldini, 2006). O fato de existirem modismos nos penteados das mulheres gregas e romanas não caracteriza de forma alguma a afirmação de individualidade, o gosto pelas novidades o pensamento voltado para a imitação dos modelos do presente. Somente no final da Idade Média, em algumas cidades da Europa Ocidental

¹¹ O conceito de Eras do Costume foi desenvolvido por Gabriel de Tarde no final do século XIX na obra *As Leis da Imitação*, publicada pela primeira vez em 1890. O autor divide a História dos trajes em *Eras do costume* e *Eras da moda*. Na primeira, há o permanente prestígio da antiguidade, a imitação das roupas e tradições dos ancestrais de sua região, ou seja, o enfoque cultural estava na manutenção do passado. Já na segunda, o foco está no agora, na imitação dos modelos do presente, as inovações estrangeiras e a busca pela diferença.

¹² GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. SP: Editora Unesp, 1991, p.44.

e em grupos sociais específicos, percebe-se a real importância dada não somente aos detalhes dos trajes, porém a diversos elementos que demonstrassem individualidade e novidade.

[...] na história da moda, foram os valores e as significações culturais modernas, dignificando em particular o Novo e a expressão de individualidade humana, que tornaram possíveis o nascimento e o estabelecimento do sistema da moda da Idade Média tardia; foram eles que contribuíram para desenhar, de maneira insuspeitada, as grandes etapas de seu caminho histórico [...].¹³

Com a intensificação das atividades comerciais e o Renascimento Cultural, em especial em algumas cidades italianas e francesas, houve o aparecimento de novas formas de vestir que ganhavam variações mais rápidas que nos períodos anteriores. O cotidiano nos centros urbanos, como Florença e Paris, por exemplo, era mais dinâmico que o vivenciado no meio rural. A circulação de novos produtos era acompanhada por uma maior movimentação de ideias, palavras, gostos e roupas¹⁴.

Surgiu também, pela primeira vez na história, uma diferenciação nos trajes que não era baseada somente nos grupos sociais, mas sim da distinção dos sexos: calças para os homens e vestidos para as mulheres. A princípio, esse fato pode parecer algo simples, entretanto um olhar que ultrapasse um pouco a superfície pode descortinar algo profundo e de extrema importância para a história das subjetividades: o uso de formas vestimentares que não somente demarcavam as fronteiras sociais, mas também delimitavam por meio da aparência vestida os territórios dos mundos do masculino e do feminino.

Desde os povos da antiguidade até o início do século XIV, as roupas eram muito semelhantes para ambos os sexos. Havia diferenças, entretanto se encontravam em pequenos detalhes. Nas últimas décadas do medievo, homens e mulheres passaram a se trajar em modelos específicos que destacavam suas diversidades corporais. Ou seja, no momento em que valores da Renascença, como por exemplo, o individualismo e o hedonismo, estavam se difundindo em alguns locais da Europa, a cultura das aparências passou a expressar uma retomada da sensualidade, pelo reconhecimento da diferença dos sexos, da valorização dos

¹³ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda de seu destino nas sociedades modernas**. SP: Companhia das Letras, 2002, p. 11.

¹⁴ Salienta-se que o surgimento da Moda, no final do século XIV, se deu apenas em alguns locais específicos do continente europeu. Logo, generalizações devem ser evitadas.

atributos corporais e da beleza individual. “É incontestável que a beleza física contou cada vez mais no decorrer destes séculos [final da idade Média] entre as armas de que dispunha a identidade pessoal para afirmar-se no seio do coletivo”.¹⁵

As vestes clericais, predominantes na silhueta aristocrática ao longo do período medieval, foram gradativamente deixadas de lado e se mantiveram presentes somente nas roupas dos membros da Igreja. Em meados do século XV, os homens passaram a usar o gibão – peça que remete brevemente ao colete no mundo contemporâneo – meias apertadas e coloridas que destacavam as pernas; calções curtos tão justos ao corpo que, para evitar o constrangimento de um momento de excitação sexual em público, colocavam na parte da frente uma espécie de tapa-sexo recoberto pelo mesmo tecido da calça, conhecido como *braguette* na França, *codpiece* na Inglaterra e porta-pênis em Portugal. Aos poucos, passou a ser utilizado em tamanhos maiores para evidenciar a virilidade de seu usuário. Essa peça foi usada por pelo menos um século e meio. Sobre o gibão, trajavam uma túnica aberta à frente, conhecida como *jacket*. Os ombros são acolchoados com ombreiras que expandiam lateralmente a silhueta. O peito apresenta enchimentos que delineavam um tórax volumoso e forte. Enfatiza-se que a Moda masculina era mais colorida e efusiva que a feminina. Nas mulheres, a cintura subiu, passando a ser marcada logo abaixo dos seios de forma a deixá-los em destaque. Apareceram também os decotes e também a colocação de enchimentos por debaixo do vestido na região do ventre, dando a impressão de gravidez. Além de ressaltar as diferenças corporais entre os sexos, fica clara aqui a valorização da maternidade, destino para o qual, segundo o catolicismo, as mulheres vieram ao mundo.

No século XV, entre os membros da realeza, nobreza e alta burguesia, as flutuações do vestuário, pouco a pouco, tornaram-se mais aceleradas. A paixão pelo presente no campo das aparências se impôs como uma necessidade na vida cotidiana. As cortes fixavam seus olhos nos reis e nos nobres mais poderosos; já os ricos comerciantes seguiam os padrões usados pela nobreza. O novo se disseminava como um caminho de afirmação de prestígio e poder. Nascia a Era da Moda.

O mundo aristocrático que antes apenas enaltecia e reproduzia os valores tradicionais de seus antepassados em suas formas de vestir e se comportar, deslocou

¹⁵ DUBY, Georges. A emergência do indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIV. In: DUBY, Georges (Org.). **História da Vida Privada 2: da Europa Feudal à Renascença**. SP: Companhia das Letras, 1990, p. 521

seus objetos de desejo para as novidades do presente efêmero. O surgimento do individualismo, algo muito discutido pelos historiadores no campo das artes, da literatura e da política, encontrou na aparência vestida um espaço ideal de propagação. A ideia de indivíduo, surgida na época, encontra na Moda uma parceira perfeita. Na Renascença:

Sem dúvida a norma coletiva continuou a prevalecer com vigor [...]. Mas, sob a aparência da continuação do mesmo, operou-se uma modificação radical: o indivíduo conquistou o direito, certamente não total, mas efetivo, de exibir um gosto pessoal, de inovar, de exceder em audácia e originalidade. A individualização do parecer ganhou uma legitimidade mundana; a busca estética da diferença e do inédito tornou-se uma lógica constitutiva do universo das aparências. Longe de ser inteiramente subordinado a uma norma de conjunto, o agente individual conquistou uma parcela de iniciativa criadora, reformadora ou adaptadora: a primazia da lei imutável do grupo cedeu lugar à valorização da mudança e da originalidade individual.¹⁶

Usar os trajes de seus ancestrais já não era mais bem visto dentro daquele contexto histórico. Fez-se necessário imitar modos e modas do presente para ocupar seu espaço naquele universo. Diante do crescimento da burguesia e de sua tentativa de parecer nobre por meio da cópia de suas roupas, a realeza, apoiada pela Igreja, criou as *Leis Suntuárias* na segunda metade do século XIV, as quais só foram definitivamente revogadas no final do XVIII. Estas determinações buscavam minimizar as imitações, impondo o que cada indivíduo deveria vestir de acordo com seu grupo social e, ao mesmo tempo, inibir que o pecado da vaidade se instaurasse no comportamento cristão, ou seja, tentavam manter o que era a norma na *Era do Costume*. Vejamos duas passagens bem interessantes:

Todo mundo se esfalfa para parecer o que não é, e ninguém se esforça para ser visto como realmente é. Um fará o príncipe apenas vestindo roupas, quero dizer, sem ter o mérito, a qualidade, nem as rendas, e com esses ornamentos emprestados procurará espelhos por toda a parte, para fazer amor consigo mesmo.¹⁷

Até 1480, os sapatos masculinos eram muito pontudos, por vezes de maneira fantástica. Essa tendência já fora notada desde 1360 e não era do agrado das autoridades eclesiásticas e civis. O rei Eduardo III

¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**, Op.cit., p.47.

¹⁷ Puget de La Serre. *L'entretien des bons esprits sur les vanités du monde*, Lyon, 1631, p.157. Apud: ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. SP: Editora Senac, 2007, p. 63.

chegou a promulgar uma lei suntuária estabelecendo que “[...] nenhum cavaleiro com o título de lorde, escudeiro ou cavalheiro, ou qualquer pessoa usará sapatos ou botas com pontas excedendo o comprimento de cinco centímetros, sob multa de quarenta pence”. Esta, como todas as leis suntuárias, foi totalmente ineficaz, porque no reinado seguinte as pontas às vezes atingiam o comprimento de 45 centímetros ou mais.¹⁸

Daniel Roche, em sua clássica obra *A Cultura das Aparências*, publicada pela primeira vez em 1989, afirma que as leis suntuárias faziam parte de uma economia política cristã que tinha por objetivo fazer com que o consumo obedecesse a hierarquia das ordens sociais e das regras de comportamento. Eram traços de permanência da lógica dos estamentos medievais que perduraram do século XIV ao XVIII, fato indicativo de que por mais que transformações econômicas estivessem a todo o vapor, as mudanças comportamentais prosseguiram, porém num ritmo um pouco mais moderado. Ainda que os regulamentos não funcionassem, o simples fato de existirem por tanto tempo, explicita o desejo de permanência dos limites entre as ordens sociais. Na França:

[...] quando as justificativas monetaristas prevaleceram no início do século XVII, as leis suntuárias davam a impressão de um país onde a extravagância dos consumidores estava desviando o metal precioso dos circuitos úteis e dos cofres do Estado. O policiamento dos gastos agora afetava todos os súditos. [...] A legislação ecoava os tratados; as leis suntuárias atacavam os mecanismos de registro do mimetismo social. Até que ponto essa legislação foi aplicada é fato menos importante para o nosso tema do que sua contribuição para definir a imagem de um modelo de gastos reservados.¹⁹

O fato do vestuário dos comerciantes ricos tentar se igualar ao da nobreza era algo inédito na História: apesar de não nascer nobre, o burguês poderia parecer nobre e, em alguns casos, circular pelo circuito aristocrático, mesmo sem fazer parte efetivamente dele. Era este o maior motivo para a criação das *Leis Suntuárias* que, mesmo não sendo seguidas, indicavam o objetivo de limitar o gosto pelo novo e sua propagação nos diferentes estratos sociais. Enfatiza-se que o simples fato destas normas existirem durante quatro séculos, deixa claro que a lógica da novidade não era restrita à tradicional aristocracia, ou seja, eram necessárias medidas legais que

¹⁸ LAVER, James. **A Roupas e a Moda: uma História Concisa**. SP: Companhia das letras, 1996, p.71-72.

¹⁹ ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências**, Op.cit., p.62

preservassem a originalidade dos trajes do rei, elemento central na sociedade do Antigo Regime, fazendo com que em nenhum momento fosse confundido com um de seus súditos, independentemente de serem da burguesia ou da nobreza.

Mesmo levando em consideração que os valores da Renascença, como por exemplo, o individualismo e o humanismo, não faziam parte do cotidiano da maioria da população, formada por camponeses e artesãos pobres, a passagem do sujeito tradicional para o renascentista é marcada pela afirmação do gosto pessoal que, aos poucos, redesenhou as formas de vestir e os espaços sociais por onde os corpos circulavam²⁰. Na História do Traje, as roupas foram quase sempre drapeadas – enroladas e adaptadas ao corpo, como as das civilizações clássicas. O ato de se fazer uma peça previamente preparada para se ajustar às medidas do corpo de uma pessoa era pouquíssimo praticado. A partir do século XV, as roupas dos estratos elevados das sociedades da Europa Ocidental tiveram na modelagem a sua base: o corpo do indivíduo tão aclamado pela arte renascentista precisava expressar seus desejos e singularidades por meio das múltiplas camadas de tecidos que o envolviam. As roupas eram projetadas para seres únicas e, às vezes, até montadas parte por parte em seus corpos, tarefa executada pela criadagem.

Os tecidos caros eram essenciais para ostentar poder, porém de forma diferente do que era conhecido até então. O foco maior era a roupa em si, o modelo diferenciado que em seu ineditismo gerava admiração e afirmação de poder. Até a primeira metade do século XIV, as peças, mesmo na realeza, eram usadas até estarem exauridas:

Quando a roupa começa a deixar de ser vestida antes de estar totalmente gasta, antes de o tecido perder seu brilho original, é o sinal de que os tempos haviam mudado. Usados por monarcas ou nobres por uma única vez, alguns trajes necessitavam ser substituídos por outros de igual qualidade e riqueza, mas com o acréscimo de outro valor, o valor da novidade. Um novo tipo de consumo foi incorporado e passou também a organizar o tecido social.²¹

Na realeza, a indumentária luxuosa mudava com velocidade inédita até então. Entre os nobres, transformar as aparências não era uma opção, mas sim um ato compulsório. Por sua vez, os ricos comerciantes, por desejarem desesperadamente parecerem com a nobreza, também mudavam seus trajes. Os reis e rainhas, por não

²⁰ GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. SP: Editora Unesp, 1991, *passim*.

²¹ SOARES, Sílvia Helena. **Textura Áspera**, Op. cit., p.24.

desejarem a semelhança com seus súditos, sempre surgiam nas cerimônias oficiais com alguma novidade ostentadas no corpo. Ao longo dos milênios, que antecederam o final da Idade Média, esta prática era desconhecida pela humanidade. É óbvio que antes havia vaidade, ostentação, apreciação do belo e da sensualidade e, até mesmo, mudanças no vestuário de um povo ou região, mas foi somente com a transição do mundo medieval para moderno – passagem da Era do Costume para a Era da Moda – que a roupa transcendeu os limites das tramas de seus tecidos e penetrou o íntimo das tramas sociais, expressando, assim como nas pinturas de Leonardo Da Vinci, Hans Holbein e Sandro Botticelli, um novo homem que, através da aparência vestida, anunciava os desejos de sua alma enquanto indivíduo. “Nós outros pintores queremos pelos movimentos do corpo mostrar os movimentos da alma”.²²

Na arquitetura, as torres góticas foram aos poucos deixadas de lado. Nas roupas, as formas afiladas, o chapéu em estilo fada e os sapatos pontudos tiveram o mesmo destino. A expansão dos trajes era lateral e volumosa. Os calçados seguem modelos quadrados com bicos achatados e largos (bico de pato); chapéus e penteados são baixos e alongados lateralmente. As formas corporais que não tinham destaque nas vestes clericais usadas pela aristocracia, ao longo da maior parte da Idade Média, passaram a ter evidência e a seguirem as mudanças impostas pela lógica do novo e do efêmero da recém-surgida Moda, fenômeno que não mais se restringia ao vestuário, mas também à postura, vocabulário e visão de mundo. Todavia, é essencial enfatizar que:

[...] em outros setores como o mobiliário, a arquitetura, as artes, a linguagem, a gastronomia e a literatura em graus diversos foram também atingidos pelo processo da moda, porém foi no vestuário que encarnou em determinados momentos a presença ostensiva do fenômeno a que chamamos moda; ou ainda, é possível assinalar que, no vestuário, a lógica da Moda foi explicitada. A própria idéia de mudança, o gosto pelo novo e uma paixão insensata por aquilo que poderia ser chamado de individual, fazem do vestuário uma marca registrada da moda e de sua lógica efêmera. Desta forma, destacamos que ela vai além do luxo hierárquico, de algo utilizado apenas por camadas sociais abastadas [...] é uma afirmação do

²² ALBERTI, Leon Batista. *Della Pintura*, livro II; 1453. In: TENENTI, Alberto. **Florença na época dos Médici**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

indivíduo, é uma das maneiras de situá-lo no seu tempo, de fazer com que ele compartilhe do presente junto a alguns de seus pares.²³

De acordo com as ideias desenvolvidas até aqui, constatamos que o dinamismo comercial e urbano esteve intimamente ligado ao desenvolvimento das novas formas de construção das aparências. A burguesia europeia, buscando assemelhar-se à nobreza, copiava seus trajes. Já os nobres, almejando manter a diferença em relação a eles, mudavam suas formas de vestir. Assim como os membros da realeza evitavam usar as mesmas roupas trajadas pela nobreza. Poderíamos, nesse momento, cair em uma armadilha muito comum: a Moda surgiu a partir de um movimento incessante de cópia das camadas subalternas que buscavam parecer com seus superiores. Essa afirmação é esquemática e reducionista. A questão da imitação faz parte dos mecanismos do universo da Moda desde seu surgimento, porém não é seu ponto central ou determinante. Aliás, em História, afirmar que existe uma esfera superior que gera todas as outras é algo, no mínimo, ingênuo.

Em boa parte dos livros sobre História da Moda, a questão da cópia ainda aparece como ponto central, como mecanismo que faz a engrenagem funcionar, como o motor da História. A Moda fica restrita a mero elemento que serve para marcar as hierarquias das mais diversas sociedades. Encontrar esse tipo de posição em autores do século XIX, como por exemplo, Carl Kholer em *A History of Costume* (1963) e Albert Racinet em *The Historical Encyclopedia of Costumes* (1995) é algo compreensível. Entretanto, hoje, não é mais cabível continuar repetindo este modelo. Em publicação recente, a historiadora Juliana Schmit,²⁴ da Universidade Estadual de Londrina, desenvolve uma interessante reflexão sobre a questão. Ela não descarta a existência do mecanismo da cópia, mas critica seu uso como uma explicação simplória, rápida e simples para um problema tão complexo:

É curioso notar como o senso comum das análises sobre a história da moda agarra-se tão fortemente à idéia de imitação burguesia-aristocracia quando tal análise baseada na luta de classes (em última instância, é disso que se trata a "dialética da cópia") já está ultrapassada até mesmo na Historiografia propriamente dita. Talvez,

²³ SOARES, Sílvia Helena. **Textura Áspera**, Op. cit., p.28.

²⁴ SCHMITT, Juliana. Entre o indivíduo e o coletivo: notas sobre o nascimento da moda. IN: BONADIO, Maria Cláudia & MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa de (org.). **História e Cultura de Moda**. SP: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 180.

ao focar nesse ponto, os pesquisadores do vestuário busquem um tipo de “peso econômico” que sustente e valorize seu objeto de estudo.

Para a autora, a Moda surgiu na passagem da Idade Média para a Moderna como um elemento de articulação entre o ser individual e a coletividade; como uma maneira, mesmo que limitada, de construir identidades particulares baseadas na escolha e no gosto pessoal. Cita um trecho de Gilles Lipovetsky:

Ao contrário das teorias dominantes, é preciso reafirmar que as rivalidades de classe não são o princípio de onde decorrem as variações incessantes da moda. Sem dúvida acompanham-nas e determinam alguns de seus aspectos, mas não são sua chave. A interrogação da moda exige uma modificação radical de paradigma. A moda não é o corolário do *conspicuous consumption* e das estratégias de distinção de classe; é o corolário de uma nova relação de si com os outros, do desejo de afirmar uma personalidade própria que se estruturou ao longo da segunda Idade Média nas classes superiores. É porque o papel da representação do indivíduo não foi avaliado em seu justo valor que as explicações da mudança de moda permanecem tão pouco convincentes.²⁵

Para esse pensador, a Era da Moda é dividida em três etapas: *A Era Aristocrática*, *A Moda dos Cem Anos* e *A Moda Aberta*.

A *Era Aristocrática* ocorreu na passagem da Idade Média para a Moderna (séculos XIV e XV) e perdurou até o meio do século XIX. A Moda restringiu-se aos círculos da realeza, da nobreza e da burguesia. Ao analisarmos as mudanças na indumentária do período, verificamos que as transformações das aparências não atingiam a grande massa de camponeses e artesãos. O individualismo, o gosto pela novidade, a admiração pelos modelos presentes não atingia esses grupos. Não que não tenham ocorrido mudanças nos trajes, porém foram muitíssimos mais lentas que às da aristocracia. Destaca-se que continuavam ligadas ao modelo de sujeito tradicional, onde o que imperava era a coletividade e a manutenção das tradições ancestrais.²⁶

Com as mudanças ocorridas a partir da Filosofia Iluminista, a Revolução Francesa e a grande expansão da indústria têxtil, houve uma difusão do gosto pelas novidades no vestir em função do aumento da produção, das lojas e do mercado

²⁵ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**, Op. cit., p. 59.

²⁶ GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. SP: Editora Unesp, 1991, *passim*.

consumidor. A máquina de costura, criada em 1829 pelo francês Barthélemy Thimmonier, foi em 1850, remodelada e inserida na indústria por Isaac Singer, reforçando e estimulando essa nova fase da História do Traje.

Segundo Lipovetsky, a *Moda dos Cem Anos* caracterizou-se por ser dupla: de um lado, a *confecção* que produzia roupas para as camadas médias imitando os modelos usados pela aristocracia por um preço mais baixo e, do outro, *Alta Costura (Couture)*, fundada nos anos 1860, em Paris, por Charles Frederick Worth, que contou com grande incentivo da Imperatriz Eugênia de Montijo e seu esposo Napoleão III. Seus vestidos tinham por base principalmente o trabalho manual na construção de peças exclusivas para clientes abastados. Criação de modelos originais e reprodução industrial: eis o binômio que dominará o mundo da moda entre 1860 e 1960.

Em sua sede na *Rue de La Paix* em Paris, o primeiro estilista criava de acordo com sua vontade peças inéditas para clientes riquíssimas que pouco tinham direito de opinar sobre o que seria executado, pois boa parte do processo dependia do desejo do costureiro. Os protótipos das peças eram apresentados em desfiles fechados por mulheres jovens de corpo semelhante aos das clientes, daí o nome dado na época, *sósias*. Foram elas as precursoras das futuras modelos²⁷.

Sob o aspecto da liberdade de criação do “costureiro e sua grife”²⁸ e do fato de que diferentes camadas sociais passaram a usar trajes com silhuetas semelhantes produzidos pela *confecção*, poderíamos cair na falsa ideia de que Worth transformou a Moda em algo democrático: “[...] vimos aí mais do que uma página da história do luxo, das rivalidades e distinções de classes; aí reconhecemos uma das faces da ‘revolução democrática’ em marcha”.²⁹ Lipovetsky não chega a afirmar que a *Alta Costura* eliminou as diferenças sociais através do vestir, mas que reduziu as marcas das distâncias entre as camadas, atenuando os signos que separavam aristocracia do restante da população.

Há de se considerar essa afirmação totalmente questionável. Apesar de as roupas das diferentes camadas sociais tornarem-se semelhantes em sua forma, a

²⁷ Enfatiza-se que estes desfiles eram realizados a portas fechadas para uma única cliente ou para um grupo pequeno delas. A apresentação das coleções de forma aberta para a imprensa e para o público surgiu no início do século XX, com o discípulo e depois concorrente da *Maison Worth*, Paul Poiret.

²⁸ Faço aqui referência ao título do famoso artigo de BOURDIEU, Pierre “O Costureiro e sua Grife” In: **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Editora Zouk. 2007. p.113-190.

²⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**, Op. cit., p.69.

Couture não democratizou a Moda, mas sim ressignificou, através de suas especificidades, a cultura das aparências do século XVIII. A criação de Worth tirou do rei e da rainha a liberdade de criação e a passou para o costureiro. Também regulou as mudanças no vestir de forma imperativa através de seus lançamentos feitos em Paris; criou peças exclusivas que, ao serem usadas, demonstravam todo o poder aristocrático daqueles que as exibiam. Passou a ditar o que estaria dentro ou fora de moda, determinou até o final dos anos 1950 do século XX, rígidos padrões de beleza eram ditados pelas modelos nas passarelas, nas revistas e na televisão.

A terceira fase, *A Moda Aberta*, deu-se através da explosão do *Prêt-à-porter* na virada dos anos 1950 para os 1960. As tendências de Moda passaram a não mais serem ditadas somente pelos poucos estilistas do mundo do luxo, mas por um número infinitamente maior de criadores que usavam as ruas como fonte de inspiração para seus trabalhos. O vestuário passou a dialogar profundamente com os diversos movimentos sociais, com a diversidade e com as questões políticas das minorias. Em 1957, aconteceu em Paris, o primeiro salão do *Prêt-à-porter* feminino e, no início dos anos 1960, o primeiro masculino. O fato de designers famosos, um dos primeiros foi Yves Saint-Laurent, lançarem coleções nestes salões, transformou o produto da Moda industrial em peças estetizadas e concebidas de forma original. Esses novos designers não mais criavam roupas exclusivas e sim um grande número de peças em tamanhos variáveis, passando a ocupar o centro das atenções da mídia de Moda. As grandes cadeias de lojas de varejo foram invadidas por trajes inspirados por essa nova forma de se pensar as aparências.

A lógica industrial aliou-se aos ideais de criação estética, as coleções tornaram-se sazonais. O foco deixou de ser a *Alta Costura* - que continuou a existir, porém perdeu grande parte de sua força - e se deslocou para o *Prêt-à-porter*, espaço onde o vestuário é concebido de forma jovem, revolucionário, artístico e audacioso. Para Gilles Lipovetsky, o mundo das aparências, gradativamente, tornou-se plural, pois abraçou todas as formas de ser e pensar dos mais diversos grupos sociais, expressando a democracia, a coexistência, a elevação do nível de vida e do bem-estar. As tendências lançadas pelo mercado continuaram a existir, mas a diversidade de opções e o direito à liberdade geraram a possibilidade de se escolher o que se deseja ser, ou seja, inaugurou-se uma época da superescolha democrática. Em suma,

na contemporaneidade, não existe mais o fora de moda, pois tudo pode estar na Moda. Basta querer escolher.

A moda aberta significa precisamente o fim do "dirigismo" unanimista e disciplinar, o desacordo inédito existente entre a inovação e a difusão, a vanguarda criativa e o público consumidor. [...] A rua está emancipada do fascínio exercido pelos líderes de moda, já não assimila mais as novidades senão em seu próprio ritmo, à escolha. No público apareceu um poder fortemente ampliado de filtragem e de distanciamento em matéria de aparência, significativo da escalada individualista das vontades de autonomia privada.³⁰

As opiniões expostas pelo pensador francês trouxeram um olhar totalmente diferente do que foi escrito antes dele e mesmo depois. O livro nada contra a corrente das diversas apreciações que são feitas à sociedade de consumo. Suas contribuições são de grande relevância, no entanto em alguns momentos beiram a ingenuidade. As afirmações sobre a total liberdade de escolhas e a diminuição das diferenças sociais na contemporaneidade através da Moda são, no mínimo, equivocadas.

O vestuário – mostrado nas propagandas, nas novelas, nas coleções comerciais vendidas no varejo – reproduz as opções de alguns poucos que determinaram arbitrariamente o que deve ou não deve ser trajado naquela estação. O discurso não emana nem do indivíduo e muito menos da massa que consome o produto, mas sim do grupo de decisão que escolheu as tendências de consumo e as divulgou amplamente nos meios de comunicação de massa. Uma grande fatia do mercado veste uma roupa ou acessório pelo simples fato de que foi mostrada na mídia. Este consumidor não constrói sua aparência buscando individualidade; ele deseja enquadrar-se em um todo onde ser belo é ser igual ao grupo; ou seja, é seguir o que é ditado pela maioria. Nessa linha, podem também ser citados os grupos que se vestem de maneira exótica, pois desejam ser alternativos. Em sua maioria, são pessoas jovens que encaram a sociedade com certa revolta e, para exprimirem seu descontentamento, usam trajes diferentes e considerados por eles, rebeldes. Todavia, dentro de seus grupos, quase todos se parecem por meio do vestir, do vocabulário

³⁰ LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**, Op. cit., p. 141.

falado e das músicas apreciadas. Em suma, prevalece também uma padronização de roupas e posturas.

Em outra corrente, no caso minoritária, mas em expansão desde os anos 1960, há aqueles que fogem dos modismos, seja da mídia ou de pequenos círculos de convivência. Nesse pequeno universo, encontra-se a possibilidade de um vestuário autoral. São indivíduos que veem os modismos expostos na mídia como produtos que visam homogeneizar os padrões de comportamento, tornando o ser, apenas mais um na multidão, igual a todos que o cercam. Também não se enquadram em nenhum nicho de jovens que, por desejarem ser diferentes, acabam por se padronizar. Este segmento enxerga a Moda como uma forma personalizada de construir a aparência e de expressar subjetividades. Trata-se de um público que tanto pode comprar em lojas que seguem as tendências, como em brechós. Usam peças de designers desconhecidos, mas também de marcas famosas que foram adquiridas em lojas de usados ou pontas de estoque. Podem trajar algo que foi lançado no último desfile ou uma peça que pegaram no armário do avô. Preocupam-se com a aparência, buscam vestir-se de forma harmoniosa, porém veem a Moda como sinônimo de discrição e expressão de individualidade. Por se destacarem em meio ao grande público, essa pequena fatia de mercado se mostra um objeto de pesquisa extremamente valioso para os estudiosos do mundo *fashion* contemporâneo, no entanto esse é assunto para um futuro texto.

Referências

- BALDINI, Massimo. **A Invenção da Moda: as teorias, os estilistas, a história**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. SP: Editora Senac, 2008.
- DUBY, Georges. A emergência do indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIV. In: DUBY, Georges (Org.). **História da Vida Privada 2: da Europa Feudal à Renascença**. SP: Companhia das Letras, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. SP: Editora Unesp, 1991.
- GUMBRICH, Hans Ulrich. **A Dialética das Passarelas**. Folha de São Paulo, 05 de maio de 2002.
- LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: uma História Concisa**. SP: Companhia das Letras, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda de seu destino nas sociedades modernas**. SP: Companhia das Letras, 2002.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O Espírito das Roupas: a Moda no Século XIX**. SP: Companhia das Letras, 1993.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. SP: Editora Senac, 2007.

SCHMITT, Juliana. Entre o indivíduo e o coletivo: notas sobre o nascimento da moda. In: BONADIO, Maria Cláudia & MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa de (org.). **História e Cultura de Moda**. SP: Estação das Letras e Cores, 2011.

SOARES, Sílvia Helena. **Textura Áspera**. 1997. 142 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma Filosofia**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2010.

TARDE, Gabriel. **As leis da imitação**. Porto: Rés Editora, 2000.

Recebido em: 14/10/2018

Aprovado em: 03/11/2018